

Maria Cecília Galletti Ferretti

# O INFANTIL

Lacan e a modernidade



EDITORA  
VOZES

---

Petrópolis  
2004

## APRESENTAÇÃO

Certa vez, a autora deste livro comentou a *surpresa* que a leitura do *Emílio* de Rousseau teria nela produzido. As palavras de Maria Cecília Ferretti me fizeram lembrar o que eu mesmo experimentei quando da leitura do célebre e moderno romance pedagógico, num momento importante de minha vida – aquele de atravessar fronteiras para chegar ao Brasil. Mais ainda, elas me fizeram lembrar, em particular, a “insistência” de Maud Mannoni e Francis Imbert<sup>1</sup> em lermos com mínima suspicácia o *Emílio*... e, obviamente, o comentário de Lacan sobre seu autor – “um paranóico genial”.

Algo dessa *surpresa* aninha-se também em *O infantil – Lacan e a modernidade*, à espera de que sua leitura – caro(a) leitor(a) – faça-a nos seus afeitos desdobrar. De fato, além da clareza e da rigorosidade argumentativas das quais Maria Cecília dá aqui – mais uma vez, prova de renovado bem manejar – o livro está também marcado pela originalidade. O fato de a confluência dos discursos universitário e analítico estar em causa na sua gestação, torna, certamente, fértil este livro. E é aí que minha aposta, de sua inclusão na coleção *Psicanálise e Educação*, se situa.

---

1. Há disponível em português tão-só uma pequena amostra em *A questão da ética educativa no campo educativo*, publicado nesta mesma coleção da Editora Vozes em 2001.

A surpresa é esse indicativo por excelência da abertura do inconsciente ou, se preferirmos, do retorno do recalçado caráter *sexual* “e” *infantil* do *desejo*. Aqui a conjunção “e” não é sem conseqüências. Toda uma outra genialidade, a de Freud, aninha-se aí. Se o desejo fosse tão-só sexual, a psicanálise bem poderia ser mais uma sexologia de nossos dias. Já, se fosse tão-só infantil, ela poderia ser reduzida a uma psicologia do desenvolvimento. Obviamente, em última instância, nesses dois casos também cada um dos termos acaba perdendo em si mesmo seu caráter freudiano. A conjunção impõe uma determinação recíproca. O *desejo* só é freudiano porque é tanto sexual quanto infantil; mais ainda, é por isso mesmo que o desejo é recalçado.

O fato de a psicanálise não ser nem uma sexologia nem uma psicologia do desenvolvimento faz dela uma criatura singular da modernidade. Embora a invenção freudiana só poderia ter se inserido na esteira do debate das Luzes, acabou se perfilando como o avesso do sonho moderno.

A modernidade pensa-se a si mesma como sendo um ponto de chegada numa série contínua e irreversível de conquistas da “humanidade”. Com mais ou menos velocidade e/ou força, mas sempre um pouco mais adiante, sonhou<sup>2</sup> estar se instalando na vida cotidiana até deixar para trás e para sempre tempos primitivos, hábitos selvagens e morais obscuras. No entanto, não poucos modernos passaram a dizer *isso* que nada se queria saber, ou seja, que a civilização secreta a barbárie. Ou, se preferimos, que toda idade adulta produz para si a infância de seu tempo e que nessa operação algo não pode não restar.

Diz-se da modernidade ter inventado a infância como o tempo próprio à criança e seus atributos. Hoje não sei se isso

---

2. Agora parece, conforme se diz, que somos pós-modernos.

é bem assim<sup>3</sup>, mas uma coisa é certa: para a maioria dos modernos o suposto ser *infantil* que torna uma “criança” criança é refratário ao trabalho. No entanto, para Freud o infantil é precisamente *isso* que não pára de trabalhar.

O advento do adulto, no lugar do *infans* de outrora, comporta um giro no campo da palavra e da linguagem e, portanto, uma outra posição subjetiva. Isso é possível graças ao fato de o adulto tomar como metáfora a impossibilidade de a criança responder no real à altura da demanda adulta e educativa. Esse giro de posição discursiva é a própria condição de possibilidade de que venha a ex/istir – existir fora de si – um *tempo de infância*, um tempo de espera a ser fruído por seres pequenos que, no entanto, sonham em serem grandes.

Quando o *infans* deixa de ser tal, pois agora é um adulto, a *infância* passa a existir como perdida e, assim, torna-se presença de uma ausência no mundo adulto. A infância passa a existir como perdida, mas não toda ela. O que resta do encontro de uma criança com o adulto, em parte, inscreve-se psiquicamente como *desejo* ou, em outras palavras, como aquilo que passa a *fazer falta* – diferença – no mundo sempre adulto. No entanto, uma outra parte desse mesmo desencontro, ou falta de proporção entre o adulto e a criança precipita sob a forma de *gozo* ou, simplesmente, como o *infantil*. Assim, enquanto a *infância* é aquilo que inventa-se como tendo sido, o *infantil* é o resto que tendo sido não foi e, portanto, embaralha os tempos do ser à medida que não pára de não retornar, ou seja, de se repetir – voltar a pedir –, acabando com a ilusão evolutiva típica da modernidade.

O mundo adulto que recebe a criança está marcado pela diferença sexual, mais ainda, está marcado pela falta de saber sobre esse resto de proporção que o feminino inscreve entre o homem e as mulheres. A chegada das crianças, a este

---

3. Cf. A infância que inventamos e as escolas de ontem e de hoje. *Estilos da Clínica. Revista sobre a infância com problemas*, ano VIII, n. 15, p. 140-159.

nosso único mundo, está marcada por essa irreduzível diferença. Trazidas no intuito de suturá-la, acabam repondo-a fazendo disjunção entre maternidade e feminilidade. A infância é, precisamente, o tempo de uma certa intransigência, aquela de nada querer saber dessa falta de proporção entre os sexos. O infantil é a marca dessa posição original, primordial, porém não primitiva. O adulto, mesmo tendo saído dela, guarda memória desse modo de gozo em nada querer saber.

A educação de uma criança faz ecoar o que de infantil ainda há no adulto. Em parte, é por isso que o adulto se empenha. Mas é por isso mesmo que fica à mercê de renunciar ao *ato educativo*, ou seja, testemunhar da castração para a criança. Rousseau sabia *d'isso* e, portanto, para nossa surpresa, a educação do *Emílio* encena, já nos alvares da modernidade pedagógica, a sutilidade dramática da dialética entre a *demanda* e o *desejo*.

Nas antípodas do Rousseau, o discurso (psico)pedagógico hegemônico articula-se na recusa do infantil e, dessa forma, paradoxalmente recai com usura na originalidade própria da infância. Assim, a ciência aplicada à educação reivindica para si nada querer saber sobre a falta de proporção entre os adultos e esses seres pequenos que temos o hábito de chamar crianças. Aí onde toda educação tropeça, ela traça contínuos de desenvolvimento para a parcimônia espiritual de muitos.

Mas, neste livro, Maria Cecília – leitora suspicaz do *Emílio*, seguidora das pegadas de Freud e dedicada a elucidar Lacan para educadores – mostra-nos como no discurso (psico)pedagógico hegemônico a criança, o infantil ou um de seus modernos nomes – *Emile* – ficam despojados da possibilidade de vir a nos surpreender.

Agora – caro(a) leitor(a) – você tem em mãos a possibilidade de atravessar essa fronteira, aí onde o discurso (psico)pedagógico hegemônico teima em se deter. Boa sorte!

São Paulo, verão de 2004  
Leandro de Lajonquière